

*Ronan Vaz, Amanda Barbosa e Laís Batista  
(Organizadores)*

**DAQUILO QUE  
NOS MOVE:  
MEMÓRIAS DA  
TRUPE DE TRUÕES**

*1ª edição*

*Trupe de Truões  
Uberlândia - MG  
2018*

# PUBLICAÇÃO:

**Organização:** Ronan Vaz, Amanda Barbosa e Laís Batista | **Assessoria, Consultoria e Prefácio:** Maria do P. Socorro Calixto Marques | **Autores:** Amanda Aloysa, Amanda Barbosa, Cida Perfeito, Getúlio Góis, Laís Batista, Paulo Merisio, Ricardo Augusto e Ronan Vaz | **Produção e comunicação:** Amanda Barbosa e Ronan Vaz | **Design gráfico:** Luana Oliveira | **Edição:** Trupe de Truões

**Projeto:** Trupe de Truões 15 anos: entre arquivos e memórias | **Patrocinio:** Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais – Protocolo: 0018/02/2016/FEC | **Incentivo:** Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia – Convênio: 292/2017

Impresso em julho de 2018. Todos os direitos reservados à Trupe de Truões e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1988. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida em qualquer meio sem prévia autorização dos autores. Impresso no Brasil | 1º Edição | Tiragem: 500 exemplares

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

D212q Daquilo que nos move: memórias da Trupe de Truões / Ronan Carlos de Freitas Vaz Rodrigues, Amanda Barbosa Vieira, Laís Batista Costa (organizadores). - Uberlândia : Trupe de Truões, 2018.  
61 p. : il.

ISBN: 978-85-92533-01-4  
Inclui bibliografia

1. Artes cênicas - Uberlândia - História. 2. Teatro - Uberlândia.  
3. Teatro - Estudo e ensino. 4. Artistas - Formação. 5. Companhias de teatro. 6. Memória coletiva na arte. I. Rodrigues, Ronan Carlos de Freitas Vaz, 1984-. II. Vieira, Amanda Barbosa, 1987-. III. Costa, Laís Batista, 1987-. IV. Trupe de Truões. V. Título.

CDU: 792(815.1)(091)

---

Isabella de Brito Alves - CRB-6/3045

Trupe de Truões | Av. Ana Godoy de Souza, 381. Santa Mônica | CEP: 38.408-290. Uberlândia/MG

Contato: +55 (34) 32379440 | trupedetrues@gmail.com

*Dedicamos esta obra às crianças, adolescentes e  
todxs espectadores que nos deram o privilégio do  
encontro cênico.*

*A nossxs queridxs alunxs.*

*A todxs artistas, técnicos e trabalhadorxs que  
partilharam seu talento e trocaram afetos  
conosco.*

*As famílias, amigos, professores que nos deram  
suporte para trilharmos todos estes anos.*

*A todxs patrocinadores, apoiadores e curadores  
que acreditaram na nossa paixão.*

*E a você que se encontrou conosco por meio dos  
filmes, textos e imagens que compõem esta caixa.*

**7** Preâmbulo sobre andanças e cheganças da Trupe dos Truões – *Maria do P. Socorro Calixto Marques*

**13** Vou viajar de novo... – *Paulo Merisio*

**19** Formação de público e formando-me em espectadora – *Cida Perfeito*

**23** Palhaceando com a Trupe – *Amanda Aloysa*

**29** A Trupe e o entorno da cidade de Uberlândia: amor à primeira vista – *Amanda Barbosa*





Dos desafios de mediar – *Laís Batista* **37**

Truão: Artista-Docente-Aprendiz – *Ricardo Augusto* **43**

Só se aprende fazendo – Meu percurso com jovens atores  
do Ponto dos Truões – *Getúlio Góis* **49**

Cinema no Ponto dos Truões – *Ronan Vaz* **55**

Ficha técnica **61**



# PREÂMBULO SOBRE ANDANÇAS E CHEGANÇAS DA TRUPE DE TRUÕES

*\*Maria do P. Socorro Calixto Marques*

No espaço do Grupo dos Truões tenho conseguido exercer alguma prática cênica quando o espaço do Curso de Teatro da Universidade não comporta mais uma disciplina com perfil teórico, mas que deseja fazer experimentos cênicos. Passando a andar entre as coxias de seu palco, e depois, como consultora, revisora, em um processo de leitura e releituras de textos dos seus integrantes, também passei a conhecer uma rotina, que não conhecemos quando apenas espectadores de espetáculos.

Creio que construí um olhar de dentro, assim como ao longo de minha carreira no interior da Universidade. E foi lendo os textos dos atores, focada, especialmente, em uma das informações dadas pelo texto do diretor **PAULO MERISIO**, que

\*Professora do Curso de Teatro e coordenadora da Pós Graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Integrante do Grupo de Estudos de Textos e Cenas (Teatro/UFU), vem trabalhando com história do espetáculo, dramaturgia e crítica teatral.

entestei uma pergunta que registrarei posteriormente. Sempre que revisava as experiências me deparava com narrativas vividas e emoções que me saltavam aos olhos. Mesmo que nesse primeiro momento, tenha sido eu a leitora, já convido aquele que gosta de acompanhar a rotina de um grupo teatral, a ler todos, sem exceção, os que aqui se expressam. Mesmo que a régua e medida tenham sido a mesma, as manifestações saem da parte que mais lhe animam e os impulsiona a fazer teatro.

Como disse, um dos textos me levou a fazer a seguinte questão: como podemos mensurar o espírito que une atores de um mesmo grupo? Ou, antes disso, como podemos mensurar o desejo e habilidade para fazer teatro? O texto de Paulo, também professor universitário, me levou a fazer essas indagações, uma vez que passamos por um processo de reestruturação curricular e optamos por retirar a ‘habilidade específica’ e muitos de nós ficamos preocupados com o devir do curso. No entanto, pelo que aparece nos textos, desejos e habilidades são também construídas pelo mestre e assim creio que respondi à segunda questão.

Para a primeira pergunta escolho como resposta o exemplo do lápis lazuli, encomendada por um dos atores que não fez uma viagem com o grupo, pois tem dividido seu tempo com a escola em que trabalha.

Muitas dificuldades são encontradas na convivência diária de um grupo, mas quando um sai deixa esse espaço vazio, com uma saudade doída. E os viajantes, ao irem em busca da pedra que ele pedira, como diz Paulo, marcou a sua presença no grupo. Reitero aqui a pergunta registrada acima: como podemos mensurar o espírito que une atores de um mesmo grupo? Uns entram, outros saem, mas que tipo de lembrança, memória, experiência, permanece que, por ventura, possa ser um passaporte de retorno?

Mesmo que o retorno seja para um outro lugar, que solicite uma experiência semelhante, mas nem tanto, como a escola, ele volta para esse encontro, com essa metade. Retorna com suas dúvidas para construir uma estrada que, para ser transitada, cada peça,

cada jogo com os alunos, devem ser bem escolhidos e tolhidos. Volta para reaprender e renovar forças para que a experiência com o teatro ganhe seu valor ante os olhares desconfiados e inseguros dos pais. Pais que, preocupados com o futuro de seus filhos, tremem nas bases quando eles apontam o teatro como a melhor disciplina do currículo. Foi nessa esteira que li o texto de **GETÍLIO GOIS**, atualmente professor da Eseba. Getílio escolhe, mas não tolhe, porque estudantes querem falar, se expressar e acabam dando seu tom. Eles escolhem. Não é afinal esse o papel das escolas? Ensinar a ouvir e deixar falar?

Já **AMANDA BARBOSA**, deixa vaziar a alegria dos espectadores dos distritos de Uberlândia, do motorista que enredava os comentários ouvidos das crianças quando corriam atrás do ônibus que fazia a divulgação de um dos espetáculos, do ambiente sacro invadido, permissivamente, pelo padre para que eles fizessem a apresentação dentro e no adro da igreja. Amanda faz um movimento que revela sua dedicação à produção, e no texto podemos ver o sorriso escapar, espontaneamente, em seu rosto, quase sempre preocupado com a possibilidade do fracasso. Esse movimento é o movimento da Amanda, a Barbosa, a sisuda, a brava, que acolhe espectadores do entorno de Uberlândia e os cativa para assistir ao teatro, para voltar à Trupe ou que se desloque para assistir as novidades artísticas do dia. Queremos a meninada correndo atrás do ônibus, correndo também atrás de espetáculos e motoristas, risonhos, apontando lugares, artistas e trabalhos. Sim, aí, entra a **CIDA PERFEITO**. Perfeito, como o sobrenome, perfeita na tentativa de preparar o lugar central para receber, sejam esses meninos, sejam atores convidados para festivais internos, sejam professores que procuram o espaço para desenvolver experiências na sala de trabalho. Cida, a perfeita prefeita da Trupe também se sente envolvida nessa roda de atividades, de expectativas, de emoções e consegue manter a casa, como ela chama, em ordem para receber os mambembes, meninadas, motoristas e o que vier. A casa sempre limpa, pronta e engraçada. É uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...e hoje?

E outra **AMANDA**? A **ALOTSA** que nos contempla com o registro de seus desejos, o da palhaçaria, atividade que desenvolve com maestria paralelamente às atividades da Trupe, e seu percurso da roça à cidade. Lindo de ver um sujeito que já sabe o que quer

quando ainda vive em uma das cidadezinhas próximas a Uberlândia. Na intuição, veio para a UFU, depois, a partir do momento que passa a integrar a Trupe e vivencia o amadurecimento e o crescente processo de aprimoramento e investigação artística do grupo como, por exemplo, com a criação de núcleos de pesquisa abertos à comunidade, emerge o NuPePa – nome engraçado, como é também o foco do núcleo, o da pesquisa em palhaçaria. E pensando a Trupe, como uma célula que, gradativamente, vai criando outras células de trabalho, novas paredes para casa, como os núcleos e as oficinas – também mostradas nos textos de Laís e Ricardo – que vão expandindo as ações teatrais para além do espaço sede do grupo.

**LAÍS** e **RICARDO** descrevem as atividades desenvolvidas nas escolas e, principalmente, registram a recepção das crianças, com mais liberdade, creio eu, que a de Getúlio Góis que, consciente do novo espaço onde está, sabe do cerceamento e dos paradigmas que deve enfrentar diariamente com pais e professores. No texto de Ricardo nos deparamos com um processo de jogos com crianças e adolescentes que as levam às suas subjetividades e, a partir delas, ao ato de criação. Nesse contexto de educar pela arte, também

caminha Laís. Ela nos dá a dimensão não só do aprendizado dos atores da Trupe, mas também da responsabilidade, como adultos e professores, com que ensinam e aprendem com as crianças e adolescentes.

No texto de **RONAN VAZ** vamos conhecer como a Trupe abre “suas portas” para o cinema, sobre o teto da casa que não tinha nada... a dança, e todas as formas do fazer artístico, em um diálogo com artistas e comunidade. Momento singular, quando o que vemos no país é uma política contrária as liberdades de expressão e de pensamentos.

Para finalizar, ainda em resposta a pergunta sobre habilidades específicas, não há como mensurar algo inerente, peculiar, particular em qualquer indivíduo. Aquilo que chamam “dom”. O desejo de vir a ser move as pessoas na arte, é o início do aprendizado. O se tornar artista se constrói na prática, sim com mestres, no dia a dia, sempre difícil, mas com um prazer que impulsiona e se transforma em necessidade vital. É o que os textos escritos pelos integrantes do Grupo dos Truões nos revelam.







# VOU VIAJAR DE NOVO...

**Paulo Merisio**

Imagine uma menina nascida na roça no início dos anos 1980. Para ir estudar, acordava às 5h da manhã e pegava o ônibus escolar que passava por todos os sítios e fazendas recolhendo as crianças. A escola ficava numa cidadezinha de aproximadamente 20 mil habitantes, satélite de uma cidade um pouco maior, com uns 130 mil habitantes. Pois bem... esta menina decide fazer vestibular para a Universidade Federal mais próxima, a uns 220 km distância, em Uberlândia e, nesse contexto, quase uma metrópole. Mais ainda: no início dos anos 2000, é aprovada para o curso de teatro dessa instituição. Essa menina sintetiza a trajetória de alguns componentes da Trupe, que vieram do interior, tentar a sorte na “cidade grande” e fazer e viver de teatro em Uberlândia.

Vamos imaginar mais uma história. Duas meninas oriundas da própria cidade, com mais ou menos a mesma idade daquela outra, que se formaram no mesmo curso e que são convidadas para fazer parte de um grupo de teatro que já vinha construindo uma trajetória com apresentações em festivais e mostras pelo país. Estas duas meninas descobrem que vão participar de uma das maiores

turnês do Brasil e sair de Uberlândia por quase um ano inteiro. Numa destas viagens, dois meses circulando pelo país sem voltar pra casa. Ficaram pensando: como ficariam família, amores, amigos... Como seria mambembar? Um sonho que todo artista possui intimamente, mas cuja iminência de realização causa um inevitável frio na barriga. No entanto, o que vi, no fim dessa longa turnê, foi a forte sensação de dever cumprido e um desejo de repetir mais e mais a dose e ir cada vez mais longe.

Imaginemos agora um menino também do interior. Sonha em fazer teatro, mas é reprovado na prova de habilidade específica – num curso ainda incipiente, com critérios não muito claros – e acaba fazendo outra faculdade em sua própria cidade. Teimoso e mais maduro, volta para aquele curso e acaba construindo uma trajetória discente impecável. Alguns anos depois, já dentro do grupo de teatro e professor no colégio de aplicação daquela mesma instituição, acaba indo ao encontro do diretor da trupe que está realizando uma pesquisa sobre melodrama em Paris. É impossível descrever seu olhar habilidoso e faminto ao circular pelas ruas, frequentar os museus, teatros... Vamos fechar com mais dois meninos que vieram do interior e que, já com alguns anos atuando no grupo, têm uma experiência com uma nova diretora de teatro. Esta diretora, brasileira, que estudou e morou anos na Europa e que, atualmente, dirige um grupo no México, propôs um espetáculo que teria duas produções simultâneas – em Uberlândia e no México – e que, em momentos especiais, mesclaria os elencos dos dois países. Assim, estes meninos foram parar na Cidade do México, no charmoso festival Cervantes – em Guanajuato (também no México) e no Festival Cradle of Creativity, da Associação Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, na Cidade do Cabo / África do Sul. Um desses meninos, durante todas estas experiências, não cansava de repetir: - Como eu queria que todxs da Trupe estivessem aqui...

Estas histórias são apenas alguns exemplos dos diversos momentos que se configuram como divisores de águas em nossa trajetória. Mas o que todxs meninxs desta história têm em comum, além de, obviamente, fazerem parte da Trupe? Foram todxs meus alunxs e pude compartilhar suas trajetórias e muitos desses momentos especiais aqui narrados.

Em novembro de 2017, conseguimos pela primeira vez, fazer uma viagem realmente coletiva. Foi uma experiência incrível presenciar o contato do grupo todo com outra cultura, outros artistas, outra língua, outros hábitos. Um desses meninos, por motivos profissionais, não pôde ir; mas fizemos uma sequência de fotos individuais na Plaza de los poetas – em Valparaíso, perto da casa do Neruda –, segurando uma pedra lápis lazuli, encomendada por ele e marcando de alguma forma a sua presença. Estas narrativas endossam uma percepção que o grupo teve e que se configurou como uma das diretrizes definidoras da Trupe. Durante a experiência do Palco Giratório do Sesc – aquela turnê citada ali em cima –, se fortaleceu a importância dos intercâmbios como uma das frentes de formação e amadurecimento do grupo. Esta perspectiva se deu tanto nos componentes que estavam viajando, quanto nos que ficaram cuidando da casa.

Nas viagens, elaboramos um cuidadoso planejamento que previu para cada cidade um momento de intercâmbio com grupos de teatro e pontos de cultura. Havia a previsão de alguns encontros na própria estrutura do projeto de circulação, mas a Trupe expandiu estes momentos para praticamente todas as cidades. Em paralelo, três grupos da cidade puderam usufruir de nossa sede – o Ponto dos Truões – realizando ensaios e temporadas, em uma proposta que se configurou como um dos embriões do Programa Casa Aberta de Intercâmbio.

Assim, a Trupe assume que o encontro com pares – e também com ímpares – é espaço constitutivo de nosso universo de referências e nos alimenta tanto nos processos criativos, quanto nas escolhas relacionadas à estrutura, organização e gestão. A circulação e o diálogo com outras realidades apenas reforçam o desejo de manutenção e ampliação do trabalho, ações que vêm sendo realizadas em Uberlândia, e colaborando para o alargamento do horizonte de expectativas da cidade em relação à arte.

*Ir, mas voltar.  
Voltar sempre outra/o.  
Tendo sempre como  
referência a frase  
de um amigo íntimo  
nosso, e que acaba  
sempre voltando pra  
casa, o Simbá: - Vou  
viajar de novo...*

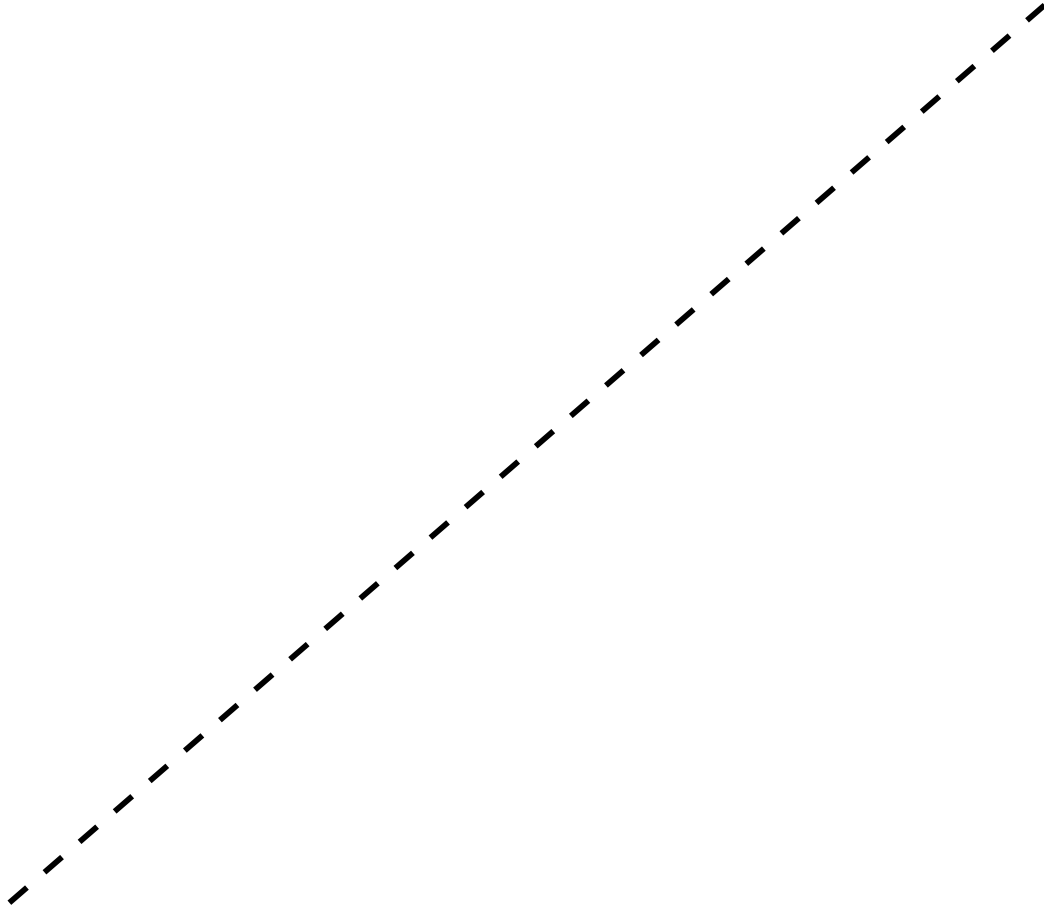




Foto: Amanda Barbosa

# FORMAÇÃO DE PÚBLICO E FORMANDO-ME EM ESPECTADORA

*Cida Perfeito*

Em 2013, recebi convite dos Truões para que trabalhasse mais efetivamente na coordenação da sede com o grupo, pois nesse mesmo ano, foram selecionados para o Circuito Sesc Palco Giratório; considerado um dos maiores projetos de circulação de Artes Cênicas da América Latina, realizando apresentações de *Simbá, o marujo*. Durante esta turnê, o grupo aproveitou e realizou atividades de formação (intercâmbios, oficinas) em 37 cidades espalhadas por 18 estados brasileiros mais o Distrito Federal.

Até este ano – 2013 – na sede do grupo “Ponto dos Truões”, outras atividades pontuais se efetivavam, dando prosseguimento ao plano de trabalho do grupo. Aqui, funcionava – e ainda funciona – a escola de teatro que recebe alunos da cidade; já no segundo semestre desse mesmo ano, instituímos o Programa Casa Aberta, o qual se estrutura a partir de ações de intercâmbio artístico-culturais, ação que fortalece a prática de artistas e grupos nas áreas da gestão cultural, da criação e ocupação. Com o programa, a sede, gradualmente, passa a ser um espaço de referência para grupos de Uberlândia e de outros estados que queiram participar da rede de atividades, as quais a Trupe se propõe através de projetos.

A partir das ações proporcionadas pelo grupo, há uma entrada e circulação de um público diverso que vem tornar-se nosso “termômetro” para atividades que realizamos. Percebo que nossa temperatura, para se valer da ideia de temperatura, aumenta e chega a se irradiar e alcançar um público diferente daquele que costuma visitar as casas de espetáculos, a exemplos de atores, familiares e amigos de atores e envolvidos com o fazer teatral. Nesse sentido, vejo como é grande a responsabilidade que temos com a formação de público e a necessidade iminente de ampliar nossos horizontes, tocando a querência de sujeitos tão distantes da arte. Tudo isso não é uma tarefa fácil. Juntos preocupamos e estabelecemos metas para atingir e contribuir, mesmo que minimamente, com sua formação. Uma de nossas questões – o que oferecer, como oferecer, por que oferecer? – ilumina nossas ambições ao estruturar a recepção para pessoas de vários meios e que são motivadoras para a criação de um ambiente que os instigue e os transforme. O espaço deve atrair pessoas para o novo e esse novo, com seu ar de ‘novidade’, retira o espectador de seu espaço habitual e, durante esse deslocamento, vive outra experiência, quiçá, reflexão, processo que torna o Ponto dos Truões um lugar de compartilhamento e não apenas mais uma casa de espetáculos.

Isso colocado, vejo que administrar um espaço cultural passa, sempre, pela revisão de hábitos de recepção de artistas, produtores e público. Cito como exemplo, a temporada com o Núcleo Jovem de Experimentações Cênicas da Trupe dos Truões com o espetáculo *Moramos na mesma casa*; realizada durante o mês de Fevereiro e Março de 2018, percebo o quanto a programação interfere no público que a assiste. Nessa atividade, posso afirmar que esse público, ao conhecer nosso lugar, gosta e sempre retorna.

Não existe sensação melhor do que sair de casa pra trabalhar e ver a casa cheia, o semblante desses jovens brilhando de felicidade e, ainda, dialogarem sobre suas experiências e impressões com quem os assiste. Portanto, formar público não é apenas oportunizar o acesso a espetáculos, mas sim fazer com que ele compartilhe experiências e outros tipos de conhecimentos, que tenha a oportunidade de ser tocado e que possa conhecer



**NOVAS  
FORMAS DE  
OLHAR O  
MUNDO.**



Foto: Douglas Luzz

# PALHAÇEANDO COM A TRUPE

*Amanda Aloysa*

Em 2000, deixei minha cidade natal, Presidente Olegário-MG para fazer faculdade de teatro na Universidade Federal de Uberlândia em Uberlândia-MG. Nem sabia direito o que esperar, pois, nunca tinha ido ao teatro, nem ao cinema e minha relação com o teatro era de fazer algumas poucas peças na escola e na igreja. Tudo instintivamente, sem nenhuma orientação, mas também sem proibição. Quando ainda no ensino médio, fazendo o segundo ano, descobri que existia faculdade de teatro, eu disse: É isso! Não sei por que, mas naquela hora tive certeza que era essa à profissão que deveria seguir.

Assim que ingressei na graduação, conheci a arte da palhaçaria e da palhaçaria no hospital. Naquele momento, já me encantava por este fazer, pois sentia que conseguia tocar as pessoas, criar vínculo com quem não conhecia... Pois é assim: o palhaço tem a capacidade de se tornar íntimo com muita facilidade. Mesmo assim, não tinha noção de que me dedicaria à arte da palhaçaria, que já me inquietava e me movimentava, a ponto de anos depois, criar um espaço de troca vivenciado sobre a prática e treinamento do clown dentro da Trupe de Truões.

Sou uma das atrizes fundadora da Trupe de Truões, grupo que surge logo nos primeiros anos em que eu estava na faculdade. No ano de 2002, o grupo já se apresentava em palcos da cidade de Uberlândia e também circulávamos por festivais universitários com espetáculos feitos tanto para o público adulto quanto para crianças e jovens.

Ao mesmo tempo, ao longo desses 18 anos, venho investigando o universo do clown através de imersões, cursos, workshops e treinamentos com profissionais renomados no país e de outros países com o objetivo de aprimorar a linguagem e criar minhas ferramentas. Durante os anos de 2000 a 2006 atuei no Projeto Pediatras do Riso - Grupo de pesquisa e extensão em palhaços doutores da Universidade Federal de Uberlândia, como palhaça-doutora, que são palhaços “vestidos de médicos”, com seus “apetrechos de médicos” que visitam hospitais, casas de assistência a idosos e outros locais. Em 2006, ingressei no grupo Anjos da Alegria também de Uberlândia/MG onde atuei como atriz-palhaça, palhaça-doutora e arte-educadora. Grupo este que realizava visitas em hospitais, asilos e APAE, e que procurava aprimorar a filosofia de palhaços doutores, por meio de esquetes realizadas nestas instituições. Neste grupo criamos espetáculos utilizando essa linguagem e participei de diversas oficinas de formação em palhaçaria onde atuei durante os anos 2006 a 2012. Nesse último ano, 2012, fundei o grupo Anjos & Companhia, onde atuo como atriz-palhaça-doutora. Durante estes anos, eu realizava minha pesquisa e tentava (e ainda tento) realizar alguns anseios como atriz-palhaça, mantendo minha atuação como atriz-gestora-professora-produtora e coordenadora financeira da Trupe de Trupe.

Essa dedicação resultou na criação de reprises/gag's, espetáculos e o constante trabalho realizado como palhaça-doutora. Tais vivências foram cruciais para alargar a minha percepção sobre a arte da palhaçaria e seus locais de atuação.

Em 2013, na Trupe de Truões, houve o desejo de aliar a minha pesquisa com a de outros membros do grupo, uma vez que a Trupe reconheceu essa prática como uma linguagem potente, passível de desdobramentos e pesquisa dentro de suas atividades. Em 2014, consegui transformar este desejo em prática criando o Núcleo de Pesquisa em

Palhaçaria, convidando para participar desse núcleo, outros apaixonados pelo universo do palhaço. Para tanto, reunimos artistas que também buscam elaborar uma dinâmica própria de ações e pesquisas que possibilitem alargar o horizonte sobre a arte da palhaçaria.

Intitulado de NuPePa - Núcleo de Pesquisa em Palhaçaria da Trupe de Truões, seus integrantes realizam algumas ações, como: treinamentos físicos do artista-palhaço, criação de novas cenas, pesquisas sobre as grandes referências da linguagem e a investigação do clown por um viés mais humano, sem deixar de lado gags tradicionais de circo. Nossos encontros acontecem uma vez por semana com duração de 3 a 4 horas, com a realização de experiências em espaços urbanos como saídas de palhaço para jogar com o público e posteriormente regressar para a sala de trabalho e dar continuidade às nossas experimentações a partir do retorno obtido. Desse modo tem sido possível a criação de cenas autorais e de uma metodologia própria que procura alinhar teoria e prática, diálogos e encontros, capazes de alimentar espaços de troca, compartilhamento e criação artística.

Atualmente, na Trupe de Truões, existem outros grupos de pesquisa: de pesquisa: o NuMel - Núcleo de Pesquisa em Melodrama, o Núcleo de Experimentações Cênicas (composto por alunos com experiência teatral com interesse no desenvolvimento de montagens cênicas) e o Núcleo Jovem de Experimentações Cênicas (voltado para a iniciação teatral de jovens alunos de escolas públicas com idade entre 14 e 18 anos). Entendemos os núcleos de pesquisa como espaço de formação, tanto como artista como também para a formação de nossas alteridades, o que nos proporciona certa independência dentro de um coletivo, ao mesmo tempo somando este conhecimento as metas da Trupe, contribuindo para sua renovação contínua e cotidiana.

O NuPePa tem me fortalecido na constituição da minha identidade como pessoa, atriz e palhaça, uma vez que acredito, que para o crescimento como artista, é necessário também um crescimento de nossas subjetividades, e que um não está desvinculado do outro. Esse núcleo me faz olhar para minha prática e para a dos outros, amplia meus horizontes e minha escuta, processo que respalda minha condução dos encontros.

O NuPePa é integrado por artistas da comunidade que já desenvolvam pesquisas relacionadas à palhaçaria. Em função disso, realizamos encontros com diversos artistas: atrizes e atores profissionais e amadores, performers e professores. Hoje somos 16 pessoas, para as quais o desejo de investigar a arte da palhaçaria nos une e este espaço possibilita trocas de aprendizado que contribuem para nossa formação e também criações artísticas.

Em contrapartida, esse núcleo tem fortalecido a Trupe, pois estão imbricados e, portanto, se retroalimentam de diversas formas. Por exemplo, quando fazemos um trabalho de teatro aplicado - quando os palhaços vão para dentro de uma empresa, em que eles estabelecem um jogo direto com o público a fim de passar ideias importantes de forma divertida. Há cinco anos, minha palhaça Chica Benta Santos Sóbria e o palhaço do Ricardo Augusto, o Jhuca Tchutchuca, são apresentadores de um evento chamado Alvorada Cultural em que nós já somos, modéstia a parte, o cartão de visita. Segundo os organizadores, esse evento já não é o mesmo sem nossa presença. Posto que o público, a cada edição, espera para nos rever. Esse é o tipo de retorno que > > > > > > >

< < < < < *alimenta nossa prática e nos leva  
a confiar mais na profissão que escolhemos.*

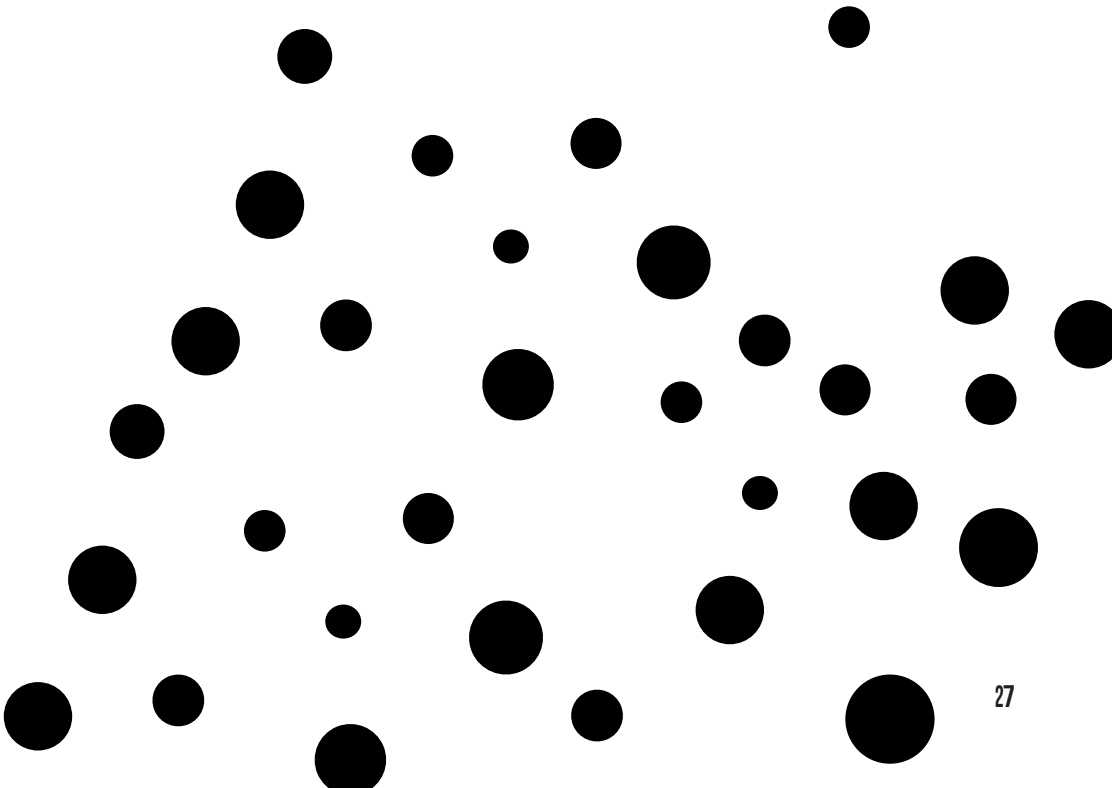
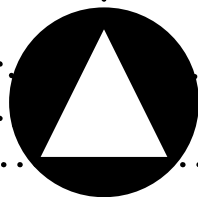




Foto: Lais Batista





# A TRUPE E O ENTORNO DA CIDADE DE UBERLÂNDIA: AMOR À PRIMEIRA VISTA

*Amanda Barbosa*

Olá!

Sou Amanda, mais conhecida como Barbosa pelos Truões, uma vez que há uma outra Amanda entre nós. Como ela, sou atriz, mulher e sofredora, muito sofredora...(risos) Talvez por isso que, ainda nos anos de graduação em Teatro, eu tenha mergulhado mais no universo melodramático. Sim, nesse gênero de atuação tão apaixonado e grandiloquente, mas que numa aula de história mundial do Teatro, foi-me apresentado como “o primo pobre” do drama. Sou apaixonada pelo “primo pobre” ao invés do “primo rico”. Não devo ter entendido, à época, o contexto e cotejo apresentados pelo professor, mas minha primeira reação foi de repulsa imediata. Matutei: O que?? Como pode? **NÃO!** Em caixa alta porque grito, falo alto pela veemência com que o defendo. O melodrama não é o “primo pobre”, na verdade ele pode até ser visto assim, mas é recheado de cores e nuances, traz diversas possibilidades, massageia o ego de quem o faz, pois, é gênero que proporciona diversas sensações tanto para quem o vê como para quem o faz.

Mas, para esse momento, não é só desse gênero de que venho falar. Venho dividir algumas sensações observadas ao levar a atuação ou a efetivação desse gênero para fora do palco e não só como atriz melodramática, mas também como oficineira. Além disso, veja como é para chorar, sou também coordenadora de comunicação de um projeto que foi executado fora de nossa casa e para ser mais precisa, em distritos, praças e escolas. Hoje falo do outro lado, pronuncio também como espectadora de uma experiência que circulou pelos distritos de Uberlândia com o espetáculo *Por quem os sinos dobram?*, peça criada pela Trupe de Truões, inspirada livremente em enredos de histórias melodramáticas e circo teatro. A ideia de circular com essa peça começa em 2016, quando decidimos que era hora de o melodrama visitar novos espaços e, conseqüentemente, encontrar-se com outros públicos. Por que não os distritos de Uberlândia? Pois, melodrama tem o aspecto popular, que acessa diferentes públicos de diferentes idades. Tivemos uma experiência assim em 2011, ao criar o auto de natal *Bem aventuras natalinas ou Por quem os sinos dobram?* Apresentamo-nos em cinco praças de bairros diferentes em Uberlândia. Naquele ano, percebemos uma recepção por um público novo: era o melodrama conquistando senhoras no final da missa e mais, crianças que nos seguiam nas praças e o burburinho que ouvíamos durante a apresentação da peça pelo público que nos acompanhava, levava-nos a variadas reações durante o desenlace do texto. Como era na rua, a troca com o público foi mais intensa, instigante, uma vez que a resposta era imediata e, creio eu, sentia-se parte do fenômeno teatral que nos propusemos a possibilitar ali e com o direito de também ditar a ordem da cena, de brigar com os personagens.

Anos depois, transformamos o auto no espetáculo *Por quem os sinos dobram?* peça para ser sempre apresentada em ruas, praças e igrejas e que contava com uma participação muito importante; a de não atores que comporiam o coro melodramático. Sobre esse critério, volto-me mais adiante .

*Por quem os sinos dobram?* é uma história digna de um dramalhão mexicano. Conta a história de Maria das Dores, uma pobre mulher enganada por uma amiga ambiciosa e pelo irmão gêmeo de seu noivo. Ela é obrigada a abandonar o próprio filho na porta

da igreja, minutos depois, arrependida, retorna, mas o bebê já não se encontra no lugar. Enlouquecida, perde a visão e passa a vagar pelas ruas pedindo esmolas para sobreviver. Dezesete anos depois, Das Dores é cumplice do amor de dois jovens: Heleninha, uma bela moça inocente, pertencente a uma família com posses e segredos obscuros, e o menino Pedro, órfão badalador de sinos na igreja. Um dia, o destino faz com que presente e passado se encontrem e revelações comecem a surgir.

Em dezembro de 2016, saímos de Uberlândia e chegamos a três distritos: Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia e Miraporanga. Mas antes de lhes contar o que aconteceu quando chegamos a esses lugarejos, acredito ser importante dividir como foi o processo até a execução. Idealizamos um projeto que previa a apresentação do espetáculo nos distritos, mas a apresentação por si não bastava. Almejávamos que o público vivenciasse conosco o melodrama no seu dia-a-dia, pois entendíamos que estávamos indo para um espaço onde a maioria da população, formada por moradores da zona rural, talvez não tivesse tido ainda contato com o teatro. Portanto, elegemos o público como nosso protagonista e, tendo ele como nosso foco, dividimos o projeto em três etapas.

**A primeira etapa** consistia no convite/divulgação: O papel (cartaz e folder), apesar de sua eficácia na divulgação, é um mecanismo frio, sem envolvimento. Logo não seria nosso principal meio de comunicação. Éramos forasteiros, precisávamos ter contato com essa população antes de adentrar seu espaço. Por que não trazê-la para dentro da nossa atuação? Vivenciar, junto dela e com ela, a linguagem melodramática. Para tanto, desenvolvemos três ações: A primeira acontecia dentro do ônibus que fazia o trajeto Uberlândia/Distrito. Os atores, caracterizados dos personagens do espetáculo, tomavam o ônibus e passavam a encenar cenas improvisadas de melodrama. Com o passar da viagem, o público ia perdendo a timidez e se envolvendo com a encenação assumindo personagens e dando outros caminhos para as histórias encenadas. Quando o ônibus avistava o distrito, a encenação chegava ao fim e era anunciada a apresentação do espetáculo na capelinha do distrito no domingo próximo. **A segunda ação** acontecia por meio do carro de som que circulava por dois dias antes da

apresentação. Com uma gravação que lembrava as radionovelas da década de 20, a população do distrito teve conhecimento da história de uma mulher que abandonou seu bebê e o mesmo foi roubado. O autofalante perguntava: o que será que aconteceu com essa criança? Dessa maneira, os moradores dos distritos eram instigados a querer saber o desfecho da história. Considero pertinente um relato feito pelo motorista que divulgava a peça com seu carro de som: num dos distritos, quando realizava a circulação da divulgação, nos relatou que algumas crianças o pararam durante o percurso para questionar quem era Maria que havia abandonado o bebê, pois conheciam todas as mulheres da cidade e não sabiam de quem se tratava. Ele, achando graça, disse-lhe que fossem a missa no domingo para saber o desfecho da história. Esse episódio propõe várias leituras, mas a minha é a de conquista do espaço e do gênero em um lugar sem espaço físico para o teatro, mas onde os habitantes reconhecem o tema como uma situação atual e real.

**E a terceira e ultima ação** dessa etapa consistiu em um “assalto cultural” dentro das escolas municipais dos distritos. Apresentamos de supetão uma curta cena melodramática do texto de circo teatro *Três almas para Deus*, de Aldny Faya. No ápice da encenação, quando o vilão aparecia com uma arma, pronto a matar os mocinhos da história, a encenação era interrompida. Aí, anunciávamos a apresentação do espetáculo, fazendo um convite aos alunos para integrarem o coro de *Por quem os sinos dobram?* Para isso, havia uma condição: participar da oficina “A linguagem melodramática” que realizaríamos na escola.

Em *Por quem os sinos dobram?* há a presença significativa do coro, elemento forte na composição do melodrama. Formado por um grupo de pessoas que conduz a história, até atrevo-me a dizer que o coro é o primeiro espectador do melodrama: é aquela “senhorinha” que assiste à novela e reage a cada cena, é quase um eco das emoções vividas pelos personagens. Dessa experiência, com a participação dos alunos como atores do coro melodramático, constatei que, ao contracenar com os jovens não atores, criávamos um outro espaço de aprendizagem, pois a oficina “A linguagem melodramática” realizada em dois dias em cada escola, tinha como objetivo apresentar o gênero, o espetáculo, e como

seria a atuação desse coro na apresentação. Os participantes eram todos adolescentes, entre 13 e 16 anos, que, com exceção da última escola que acabou sendo uma de Uberlândia por motivos que não vem ao caso aqui, nunca haviam feito e nem visto teatro, alguns tímidos e outros nem tanto.

A última etapa consistia na apresentação do espetáculo com a participação dos alunos da oficina; logo após a celebração da missa que acontecia no distrito iniciávamos a apresentação. Diferente dos espetáculos realizados em palco convencional, onde o público está ali com objetivo de ser o espectador, nessa apresentação os atores é que invadiam um espaço outro e pegavam o público de surpresa. Ao final da missa após a fala final do padre, o narrador do espetáculo entrava batendo o seu tambor ditando o ritmo do início do espetáculo. Todos se assustavam, não lhes dávamos tempo sequer se sentir-se abençoado pela cerimônia eclesial, pois o padre logo anunciava o porquê de estarmos ali. Informa ao público que assistiria um “Melodrama de Natal”. O salão da igreja se transformou rapidamente em cenário das primeiras cenas do espetáculo. O público, cercado por todos os lados pelos personagens da obra, já ouvia o narrador apresentando os dois lados da história: a vilania e a bondade. Aos poucos, o público começava a reagir como o coro, opondo-se ou não aos acontecimentos das cenas. Em determinado momento, o público foi conduzido pelo coro de alunos e o narrador para fora da igreja onde testemunha, a cena do abandono seguido do rapto do bebê. Aos poucos as pessoas foram tomando seus lugares no espaço e acompanharam o desenrolar da história.

***“Foi assim... um filme que a gente estava assistindo ao vivo...”*** Ouvimos essa frase de uma moradora do Distrito de Martinésia ao final da apresentação, pouco depois que nos organizávamos para fazer um registro fotográfico; momento em que ela fez questão de trocar de lugar para não aparecer ao lado dos vilões. O melodrama nos trouxe a oportunidade de compartilhar e, sobretudo, viver e fazer viver intensamente essa experiência.

Por fim, embora não tenha entrado em detalhes da metodologia que criamos e recriamos durante a efetivação das oficinas, creio que a Trupe, e eu como integrante do grupo, conseguimos cumprir nossas metas no projeto apresentado e, além disso, plantamos uma semente da arte em lugares que, embora estejam no centro do sudeste brasileiro, ainda se configuram como espaços rurais, simples, cidades sem circuitos culturais. E se essas sementes não crescerem, ou até atrofiarem, voltaremos com todo gosto e prazer, pois tenho certeza que o envolvimento foi prazeroso, certamente, tocamos a alma dessas pessoas. Afinal, o teatro, seja de que gênero for, tem essa função:

**TOCAR A ALMA, FAZER PE**

**NSAR E CRIAR ESTÉTICAS.**



Foto: Thiago Di Guerra



# DOS DESAFIOS DE MEDIAR

**Laís Batista**

Enquanto professora de alunos da Educação Infantil e Fundamental (ensino formal), ao ensinar teatro – se é que ensinamos – penso como minhas aulas e interferências podem provocar experiências capazes de mediar a leitura da linguagem do fenômeno teatral pelas crianças.

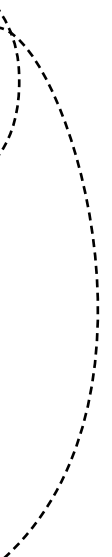
Desde 2015, uma equipe de professores integrantes da Trupe de Truões, da qual faço parte, ministra aulas de teatro na escola Espaço Letrado, em Uberlândia. Durante as práticas, temos buscado proporcionar aos alunos o desenvolvimento da expressão artística quando estão atuando em cena, mas também quando exercem o papel de espectadores, exercitando a capacidade de leitura e interpretação daquilo que faz ou assiste. Afinal, teatro é “lugar de onde se vê” e nos parece importante o exercício do espectador tendo em vista que ele é componente indispensável do fazer teatral.

Em 2017, trabalhei nesta escola juntamente do professor Thiago Di Guerra, ministrando as aulas de teatro para turmas do Ensino Fundamental. Movidos pelo desafio de incentivar os alunos a uma leitura mais crítica sobre os exercícios e cenas teatrais desenvolvidos em aula, aproveitamos da oportunidade de que aqueles alunos teriam que assistir ao espetáculo *Zapato busca Sapato* – da Trupe de Truões e, naturalmente, preparamos algumas ferramentas que apresentassem alguns elementos que estariam presentes nessa obra.

Ao entrar na sala de aula, as crianças se depararam com uma “instalação” montada com alguns objetos que faziam referência a *Zapato busca Sapato*: sapatos de diversos tamanhos, entre eles alguns cenográficos que estiveram presentes no processo de criação da peça; um chapéu mexicano; ao fundo, colocamos uma música de uma artista

sul africana Zenzile Mirian Makeba. Orientamos as crianças a caminharem pela sala para observar os objetos espalhados e, enquanto caminhavam, alguns em grupos, outros sozinhos, eu e Thiago observávamos as reações da turma com certa distância: risadas ao se depararem com os sapatos cenográficos (gigantes, artesanais); comentários e expressões de estranhamento ao se encontrarem com alguns modelos de sapatos que, talvez, nunca tivessem visto por serem um pouco antigos; a música também trazia um ar de estranheza e desconfiança, porque identificaram que não era um som de seu cotidiano ou de sua cultura. Após fazerem essa primeira observação, sentamos em roda e entregamos para eles circularem entre si o folder-programa do espetáculo que, além de informativo, continha também imagem de um mapa da viagem percorrida pelo personagem protagonista da história. Enquanto as crianças observavam o mapa, Thiago e eu contamos a sinopse da peça.

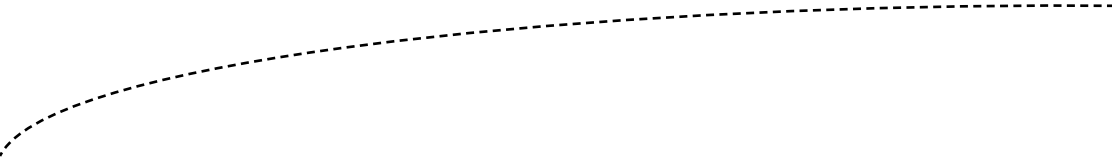
A partir daí, iniciamos um bate-papo lançando algumas perguntas às crianças: 1) Se a imagem do folder-programa sugeria alguma ideia, ou trazia alguma lembrança, memória? 2) Se já tinham visto um chapéu como aquele que foi colocado em meio aos sapatos? e 3) Se conheciam aquela música que tocava ao fundo, ou o que ela lembrava? Geralmente, quando perguntávamos se o objeto ou música “lembrava algo”, tínhamos o objetivo de estimular as crianças a falarem das sensações, ideias, imagens e histórias que aquele material lhes suscitava, relacionando-o com seu repertório e ambiente sociocultural. A imagem do folder lhes sugeriu, por exemplo, a ideia de viagem, rota. A partir daí, começaram a contar sobre as viagens que já tinham realizado com as famílias, das férias, dos motivos de mudar de cidade e ir morar em outros lugares. É importante contextualizar que essas crianças, ainda com idade entre 06 e 09 anos, já tiveram oportunidades que eu, Thiago, os professores, só usufruímos na idade adulta. Estamos falando de crianças de classe econômica privilegiada, situação que lhes permite a realização de até de 2 a 3 viagens internacionais por ano. Assim, a cada conversa que tínhamos com elas durante as aulas, éramos surpreendidos com um repertório social e cultural diversificado.



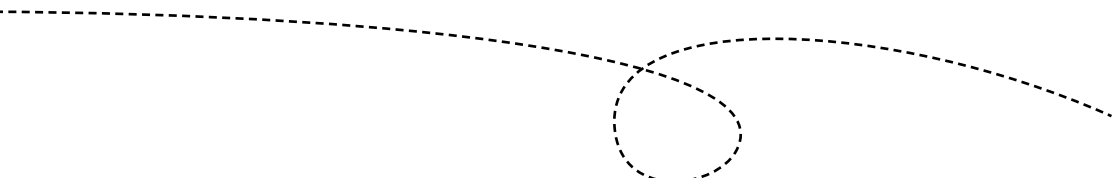
Partindo desse pressuposto da “bagagem” e referenciais que essas crianças traziam para as aulas, ao colocar um chapéu grande em meio aquela instalação, não nos surpreendeu que elas fizessem a associação daquele objeto com a cultura mexicana. No entanto, quanto à música sul africana, tocada ao fundo, as crianças levaram mais tempo para associá-la à África. Riam diante daquelas referências que não eram tão comuns a elas; o ritmo, a língua, a melodia do canto, eram elementos diferentes daqueles facilmente reconhecidos por elas nas canções de influência da cultura norte-americana. Essa vivência, proporcionada no encontro com as crianças foi preparada com o propósito de trazer elementos do espetáculo que iriam assistir sem, no entanto, expor a nossa versão ou intenção com aquela obra (o distanciamento era ainda mais necessário para mim que estive em cena nesse espetáculo).

Considerando que a recepção teatral é um processo que pode anteceder e extrapolar o momento do contato com o espetáculo, isto é, enquanto se assiste a peça teatral, eu e Thiago, em nosso papel de professores-mediadores, “jogamos” algumas das referências da obra na roda, para que a reflexão por parte das crianças fosse iniciada antes mesmo do contato com ela.

A partir dessa e de outras experiências enquanto professora (artista/docente), na relação com as crianças que são também nosso público, reflito sobre o desafio e responsabilidade enquanto mediadora de experiências artísticas e culturais desses espectadores. Do ponto de vista que a recepção é cultural e socialmente mediada há vários fatores, sujeitos e condições que interferem nesse processo da recepção teatral pelas crianças e que consideramos em nossas práticas.



A escola é mediadora quando, por exemplo, oferece em sua grade curricular as aulas de teatro semanalmente, inclui como atividade cultural a ida ao teatro; a família também é mediadora quando acompanha a criança ao teatro, participa da escolha do espetáculo que irão assistir e possibilita uma frequência que leve ao hábito de ir ao teatro.. Da mesma forma, as aulas de teatro são instâncias mediadoras quando consideram a confluência desses vários fatores linguísticos, sociais, culturais e pessoais dos alunos envolvidos, suas vivências e experiências que trazem como receptores, produtores e co-autores das práticas teatrais.



Por fim, nós, professores, artistas docentes, temos importante atuação nesse processo de mediação da formação teatral dos nossos alunos. ***Nosso desafio está em formular e oportunizar práticas de mediação que estimulem o indivíduo na capacidade de leitura, e para isso, enfatizamos a importância de encontros, a interação, a escuta que contribua para desenvolvimento ou afloramentos de desejos sensíveis*** para a percepção estética e construção de sentidos; dos encontros como esse, vimos que a aproximação da criança no contexto da obra teatral potencializou a leitura e a apreciação do espetáculo, antes ou após a experiência de ter assistido à obra.



Foto: Ninguém dos Campos

---

---

---

---

# TRUÃO: ARTISTA DOENTE APRENDIZ

*Ricardo Augusto*

Sou professor de teatro na educação infantil desde 2006. Durante todo o tempo sempre tentei aliar minhas experiências, fruto de processos criativos de teatro infantojuvenil no grupo Trupe de Truões, com as que conduzi com essa faixa etária. Durante esses processos, minhas observações estavam focadas em vários pontos, sendo que a mais especial foi o estabelecimento imediato do jogo.

Observar como as crianças estabelecem jogos, como criam narrativas a partir de imagens que fogem a quaisquer padrões que estamos acostumados, me leva a perceber o modo de “viverem” personagens que, quase sempre, está em consonância com seus interesses. As respostas às propostas de exercícios transportam-me ainda a outra descoberta: a de que a recepção nasce em forma de imagens, como um *punctum*, no dizer de Roland Barthes. Esse *punctum* está relacionado ao detalhe escolhido que leva o espectador a um estado diferenciado ao contemplar a arte. E isso me devolve para um lugar em que devo amadurecer em determinado trabalho artístico e rever a forma como propomos espetáculos para crianças na Trupe de Truões.

Tudo isso, somado ao meu trabalho - conversar com as crianças e jogar com elas - me auxiliou a observar as imagens construídas e a entender o ponto de vista que os alunos possuem sobre o mundo. Muitas vezes, tive a oportunidade de vê-los conhecendo situações cotidianas, construindo um tipo de contemplação para a existência dessas situações comuns aos adultos, a partir dos jogos proporcionados e das imagens simbólicas. Tudo bem, isso não é novidade para um estudioso do universo infantil. Mas, é importante para nós que fazemos teatro e que, diariamente, debruçamo-nos em processos criativos e de ensino que cheguem ao universo simbólico, que não é só da criança, mas inerente à arte.

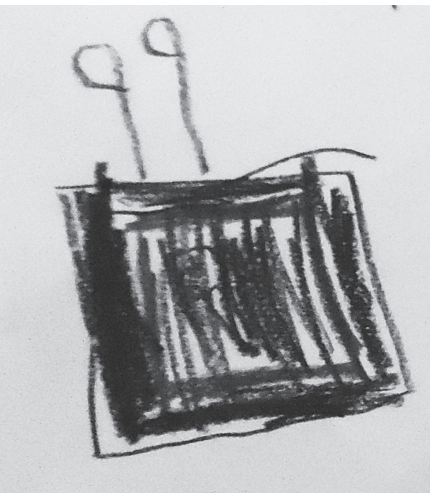
Dessa forma, encaro como uma grande oportunidade ouvir a percepção das crianças sobre os espetáculos em que atuo na Trupe de Truões. Ouvindo-as para além da comunicação oral, mas a partir das imagens criadas por elas quando estimuladas pela fruição que retorna para o cotidiano das aulas de teatro durante dias após a apresentação. Elas narram a história, apontam questões, tiram dúvidas, imitam os personagens, fazem sugestões e recriam ou criam imagens a partir dos jogos e elementos da cena, provocando um novo processo criativo. Em sala de aula minha mediação está inspirada em estudos sobre artista-docente, cujas experiências proporcionadas pelo trabalho que envolve esse binômio levam um a tingir o outro.



Como exemplo, cito uma experiência proposta por mim e por Amanda Aloysa durante as aulas de teatro em uma escola particular da cidade de Uberlândia para crianças de 3 a 5 anos. Após terem assistido o espetáculo *Zapato busca Sapato*, levamos para o encontro com os alunos dois objetos que remetem a encenação: uma caixa grande e sapatos. Iniciamos, propondo alguns jogos que estavam relacionados ao que haviam assistido, mas nos mantendo atentos para novas imagens que surgissem dos alunos. Assim, criaram o personagem *Dona Caixeta* que visitava algumas aulas para trazer novos enigmas e solicitações disparadoras para o processo das aulas ou servia de esconderijo para as mais jovens que brincavam incansavelmente de criar personagens ao saírem de dentro da caixa.



Foto: Ricardo Augusto



A exploração dos objetos durante as aulas com a presença da personagem *Dona Caixeta* me dizia também como haviam completado em seu imaginário as provocações apresentadas no espetáculo, ou perceber a potencialidade de algumas cenas executadas por mim. Além disso, os desenhos que muitas vezes fazem na aula com a professora regente, também nos diz sobre o que marca e o que deseja cada um deles.



**...OS DESENHOS... DIZ SOBRE O QUE MARCA  
E O QUE DESEJA CADA UM DELES.**





Foto: Getúlio Góis



# SÓ SE APRENDE FAZENDO – MEU PERCURSO COM JOVENS ATORES DO PONTO DOS TRUÕES.

*Getúlio Góis de Araújo*

Um dia, me falaram, não me lembro a troco de quê: “*Você tem que entender que aqui não é a Trupe*”. A essa altura o leitor já sabe quem é e onde fica a Trupe, pois já somos conhecidos no entorno da cidade, modéstia à parte... rs. Bem, já estava trabalhando na Eseba (Escola de educação básica da Universidade Federal de Uberlândia) quando escutei isso: não que somos conhecidos, mas que a Eseba não era a Trupe... bem, mas também revela que quem falou conhece a Trupe... Não compreendi – tanto uma questão como outra, mas a voz era de interdição, pois recebi como uma ofensa, uma vez que estar na escola implicava, por assim dizer, minha ausência nas ações artísticas empreendidas e aprendidas na e pela Trupe e seus Truões. Enfim, imaginem meu desespero... e meu desafio nessa corda bamba que é a escola.

E ficou mais bamba, porque minhas ações artísticas, fora dos muros da escola, foram e são corpo de saberes e práticas que carrego para minhas práticas no espaço escolar. Imaginem: o corpo como fonte de saber. Essa tomada de consciência, devo em parte, a experiências de processos criativos com os jovens-atores do Ponto de Cultura dos Truões e o *Projeto Ensino Encena: formação e multiplicação no teatro infantojuvenil*, durante uma relação de três anos de trabalho, que relato brevemente aqui.

Não estive presente no início do projeto do Ponto de Cultura (2011) e por isso falo deste começo brevemente. O primeiro ano teve como eixo de seu processo de montagem, a criação **Fragmentos de A Odisseia**, a partir do jogo teatral, tendo como referência o texto literário *A Odisseia*, adaptado por Ruth Rocha. Foram trabalhadas, além do jogo teatral, técnicas básicas de acrobacia, narração e ressignificação do corpo. Elementos, signos e códigos teatrais que, articulados, originaram o espetáculo *Fragmentos de A Odisseia*, com a direção de Welerson Filho e Laís Batista. Devido à característica inicial de o projeto ser constituído por estudantes do ensino médio, o elenco de 2011 não conseguiu continuar os trabalhos no ano seguinte. Pressionados pelas exigências do estudo nessa etapa, desistiram de continuar (exceto dois jovens que ingressaram na graduação em teatro). Duas novas estrelas alcançadas com nosso ofício. Dois corpos sensíveis para linguagem poética.

Assim, propus convidar estudantes da Eseba pertencentes aos oitavos e nonos anos para participarem do projeto em 2012. Esses estudantes, em 2011, faziam parte de um grupo extraturno de oficinas de teatro na escola, já que eu estava um tanto insatisfeito com a limitação da grade horária oferecida no espaço curricular. Então, já contaminado pelas normas escolares e de escrita, faço, abaixo, uma apresentação mais didática dessa prática, assim fico mais firme na corda bamba que é o caminho da escola.

O desejo de ampliar a pesquisa sobre a linguagem do **campo do teatro infantojuvenil** da Trupe norteou o processo de criação do espetáculo ***O Sinistro somos nozes***, resultante do segundo ano do projeto (2012).

O conto *O Homem da cabeça de papelão*, do escritor carioca João do Rio, foi o argumento e estímulo implícitos para a criação dramaturgica do espetáculo (os atores não tiveram acesso ao texto utilizado como referência). Concomitantemente a essa investigação, foram trabalhadas técnicas do teatro de máscaras e do teatro de animação. A máscara neutraliza o rosto e pede mais do restante do corpo como expressão de linguagem. Mais uma vez: corpos no ar, corpos no palco. Isso é saber comum para artistas de teatro, mas não o é para quem nos assiste trabalhando em um espaço escolar.

A narrativa do espetáculo pode ser sintetizada em dois momentos. No primeiro, o *Vocêsilva*, caracterizado como o único personagem a utilizar uma máscara neutra e que representava uma personalidade frágil e patética, relaciona-se com os demais personagens – falantes e sem máscara neutra – que desenhavam o retrato de uma sociedade ignorante: um dentista charlatão e sua cliente, um instrutor de autoescola e um ladrão, *funkeiras* intolerantes e uma fanática religiosa, e madames fúteis. No segundo momento, está em cena *Vocêsilva* em frente ao televisor, infeliz diante de comerciais bizarros, quando “acaba sendo convencido pelo proprietário do Instituto Modifique, o Sr. Sinistro, a desistir de sua cabeça em troca de promessas de felicidade”.

O caráter de exploração técnica permeava todos os encontros. Era comum que, nos momentos iniciais, fossem realizados aquecimento, exercícios de percepção corporal, exploração espacial, manipulação de objetos, breves aquecimentos vocais, entre outros. Foram essas propostas que constituíram não só experimentos estéticos durante o processo, mas também me auxiliaram no direcionamento e construção de uma dramaturgia. Outros corpos começaram a ganhar vida....

No terceiro ano (2013), o projeto trouxe um olhar mais atento à criação dramaturgica com os jovens-atores no espetáculo *Por que não para sempre?* Partindo, inicialmente, de temas retirados do jogo de tabuleiro intitulado *Jogo da vida*, os atores improvisaram e reelaboraram várias vezes a escrita das cenas, pautando-se em exercícios do dramaturgo espanhol José Sanchis Sinisterra.

Como os resultados não nos pareceram muito satisfatórios, busquei oferecer estímulos que gerassem mais familiaridade com o cotidiano dos jovens. A escolha de um jogo de tabuleiro foi determinante para iniciarmos a investigação. Para lidar com o material a ser criado, tínhamos em mente as metodologias utilizadas pelo grupo Trupe de Truões para a criação de seus espetáculos infantojuvenis. O objetivo do Projeto Ensino Encena era vivenciar com os jovens-atores as experiências da Trupe de Truões. Contudo, na prática, os temas apresentados nas improvisações ou selecionados a partir do *Jogo da vida*

aproximavam-se muito mais das experimentações de construção cênica de espetáculos para adultos do grupo, tanto por terem sido minha experiência mais recente enquanto ator, quanto pela liberdade que poderia proporcionar aos jovens-atores de tratar de assuntos de seu interesse.

Uma das atrizes da Trupe de Truões, após assistir ao espetáculo *O Sinistro somos nozes*, me perguntou se os atores entendiam a profundidade do que estava sendo discutido no espetáculo. Minha resposta, na época, foi no sentido de dizer que as cenas tinham sido escritas por eles como resposta aos estímulos e às provocações que eu realizava durante o processo. Trago uma reflexão, feita por um dos jovens-atores após a montagem de 2013, também como resposta à questão de adequação dos temas ao universo juvenil:

**“Sem precisar falar especificamente sobre o espetáculo, mas com relação a ele. Sinto que o ano passado me amadureceu mais. Aprendi a ver as coisas, me acostumar a olhar todas as coisas e a percebê-las. Talvez porque cada um tem sua época de amadurecimento artístico, talvez porque a peça do ano passado mexia com o cotidiano, com a beleza coadjuvante. Talvez.”**

Nesse espetáculo, os depoimentos pessoais ganharam espaço, tanto para que os jovens-atores se aproximassem do tema que estávamos pesquisando durante o processo criativo quanto para atender a um desejo quase catártico de reconhecimento de si no mundo. Talvez seja esse o intuito deste trabalho, uma busca de reconhecimento da potência expressiva de cada indivíduo provocada e proporcionada pela arte.

Neste percurso, reconheci-me como professor-encenador. Foi este o grande e fundamental papel dos trabalhos do Ponto de Cultura em minha trajetória e, por conseguinte, como docente da educação básica. Não me abrigar a limitações que o espaço escolar impõe à minha função, mas focar atenção nas possibilidades de potência expressiva do corpo para além dos lábios e aparelho fonador.





Foto: Getúlio Gróis

**O RECONHECIMENTO DE AUTONOMIA CRIATIVA E  
NECESSIDADES E BAGAGENS CULTURAIS, CONSTITUEM  
MINHAS MUDANÇAS DE PARADIGMAS DIANTE DESTES E  
OUTROS JOVENS ATORES.**



Foto: Amanda Barbosa

# CINEMA NO PONTO DOS TRUÕES

*Ronan Vaz*

O cinema adentrou as portas da Trupe.

Falo sobre adentrar as portas porque, em 15 anos de existência, um importante passo dado pelos Truões rumo à profissionalização foi a criação da nossa casa-sede, o Ponto dos Truões. Inicialmente a idealização deste espaço surge para atender as demandas do grupo em nossos processos criativos e ensaios, para realizar temporadas de espetáculos e atividades formativas. Mas aos poucos, apesar das dificuldades cotidianas para sua manutenção, o local foi estruturado e se transformou em um centro de desenvolvimento de atividades artísticas e um lugar de fomento, reunião e formação, capaz de envolver diversos segmentos culturais da cidade de Uberlândia, de outros estados brasileiros e também do exterior.

Ao abrir as portas da casa foi possível perceber a importância de uma sede para o desenvolvimento do grupo e também como este o lugar se tornou um espaço simbólico, um núcleo de referência cultural, tanto para o público quanto para outros artistas. Foi com base nessa constatação, e a partir do interesse em promover um intercâmbio de linguagens e modos de produção artística, que a Trupe passou a incluir em seus projetos a realização de atividades para além da linguagem teatral no Ponto dos Truões.



Ao longo da última década, pude acompanhar o crescimento da produção audiovisual independente. Acredito que a democratização dos meios de produção, a partir do formato digital, é um dos fatores que tem possibilitado cada vez mais o surgimento de novos realizadores e de novas formas de fazer filmes. Em Uberlândia, essa linguagem tem se fortalecido com o surgimento constante de novos fazedores de cinema que, juntamente com os produtores com mais tempo de estrada, vem rompendo barreiras geográficas, ganhando destaque em festivais e mostras dentro e fora do país. Esse é o caso do diretor e roteirista Carlos Segundo que, atuando desde 2003, acumula mais de dez produções, com as quais circulou pelos principais festivais do país como a *Mostra de Cinema de Tiradentes (MG)*, a *Mostra de Cinema de Três Pontas (RS)*, o *Curta Canoa (CE)* e os seus filmes já foram exibidos em mostras no Chile, Venezuela, Turquia, Colômbia, Argentina, México, Itália, Estados Unidos, Rússia e Bélgica. Como representante da nova geração de produtores audiovisuais de Uberlândia, surge também o fotógrafo e realizador de documentários, videoarte e filmes experimentais Yuji Kodato, cujos filmes “Experimento Cotidiano n.1”, “Ladridos” e “Tehom” já foram exibidos no Brasil, Argentina, Peru, Colômbia e México.

Diante desse contexto criativo na cidade, a Trupe preparou, em 2017, a primeira edição da Mostra de Cinema Casa Aberta, com o objetivo de oferecer a possibilidade de as pessoas conhecerem outras cinematografias, inicialmente dando voz e vez à prata da casa a fim de mostrar o que temos e, quiçá, despertar o interesse da comunidade pela produção audiovisual e teatral local. Falo em despertar o interesse pelo cinema e pelo teatro feito na cidade, porque um aspecto importante que também contribuiu para a idealização de uma mostra audiovisual está ligado à inter-relação entre essas duas linguagens no contexto de Uberlândia. A cidade possui escolas livres de teatro e o curso de graduação em Teatro na UFU - Universidade Federal de Uberlândia, mas não possui cursos de formação de atores para TV e cinema. No entanto, a produção de cinema independente está em constante diálogo com os atores de teatro da cidade, que acabam transbordando da atuação no palco para experimentar as especificidades da atuação para a câmera. Esse aspecto toca diretamente no campo do aprimoramento profissional por meio do intercâmbio entre linguagens, pois, muitos atores que atuam nessas produções cinematográficas têm sua

formação inicial e prática profissional no campo das Artes Cênicas, mas também somam experiências de atuação na produção do cinema local.

**E o que resulta deste encontro que transforma um teatro em uma sala de exibição e que aproxima profissionais dos palcos com produtores de audiovisual e o público?**

O que resulta é uma Mostra em que, inicialmente estava prevista a exibição de quatro filmes: “ÁGUA SUJA” – Longa-metragem documental de 2016, com direção: Yuji Kodato; “AINDA SANGRO POR DENTRO” – Curta-metragem de ficção de 2016, com direção e roteiro de Carlos Segundo; “BORRA” – Curta-metragem de ficção de 2015, com direção de Carlos Segundo e “DE GRANDE OTELO PRA SEBASTIÃO” – Documentário de 2016, dirigido por Nara Sbrebow. Destas quatro produções, o filme “Borra” tem a minha participação como ator e também do Truão Getúlio Góis, como protagonista.

Embora já tivesse levantado esses quatro títulos para compor a programação da mostra, ao iniciar o trabalho de curadoria, descobri muitas pessoas interessadas em levar ao público suas produções audiovisuais. Diante dessa demanda, enquanto organizador do evento, ao invés de exibir um filme por dia durante quatro dias, propus a ampliação da programação que passou a ser composta por 16 filmes distribuídos em cinco dias de atividades. A primeira Mostra de Cinema Casa Aberta foi aberta com a exibição do documentário “SOBRE O QUE ACONTECE QUANDO NOS ENCONTRAMOS – Memórias da Trupe de Truões”, (2016), que apresenta algumas experiências de intercâmbio e trocas artísticas relacionadas às práticas de teatro de grupo, desenvolvidas ao longo da trajetória da Trupe de Truões e contou com a direção de Paulo Morais, idealizador do Ponto de Cultura Museu da Oralidade de Três Corações (MG).

Outras onze produções compuseram a programação diversificando os olhares e modos de fazer cinema a serem exibidos e integrando realizadores com maior vivência profissional com cineastas principiantes e o público: “A FORÇA DO COLETIVO - articulação das experiências pró-catador SENAES”, (2016), com a direção de Thaneressa Silva e Lima; “NA VIA DE BUDA”, (2017), com direção, roteiro e fotografia de Nara

Sbreebow e Thaneressa Silva Lima; “DÁ PÁ VIRADA”, (2017), Web-série jornalística e documental com 06 episódios dirigidos por Isley Borges (“ALÁFIA: fé e (in)tolerância”), Bruna Freitas (“ENTRE VENTOS: um olhar sobre o ciclismo em Uberlândia”), Carlos Gabriel (“COLOSTRO”), Gabriela Luz (“CORAÇÃO DE MÃE”), Alanna Fernandes (“ÀS MARGENS DE SI”) e Rodrigo Gonzaga (“DEPOIS DE JOGAR FORA”); “CONNEXION MUNICH”, (2012), “BALANÇA BRASIL”, (2017), ambos dirigidos por Carlos Segundo; e “REMELA, UM HERÓI DE MEIA TIGELA”, (2016), uma comédia infantil dirigida por Deivid Osborges e Pácis Júnior.

A Mostra proporcionou ao público o acesso gratuito a obras audiovisuais que foram apresentadas pelos seus respectivos diretores e contou ainda com uma exposição fotográfica e de cartazes dos espetáculos de repertório da Trupe de Truões, que proporcionou ao público o contato com uma variedade de obras. Nessa I Mostra, o Ponto dos Truões recebeu cerca de 500 espectadores que puderam viver, no melhor sentido da palavra, em um espaço teatral para apreciar gratuitamente produções audiovisuais de longa, média e curtas metragens - documentais e de ficção, e ainda ouvir e dialogar sobre como se dão os processos criativos no cinema.

Essa experiência nos mostrou que, apesar de em muitos lugares haver produção de cinema independente, muitas vezes o que é feito não alcança o público desejado, pois sabemos que, historicamente, os cinemas estão quase sempre comprometidos com produções estrangeiras ou nacionais de alto custo e de retorno financeiro. Esse processo gera o desinteresse do público ou até mesmo a falsa ideia de que não existe produção cinematográfica local.

Nesse sentido, a criação da Mostra de Cinema surge com o intuito de pluralizar ainda mais a programação da casa da Trupe e, ao mesmo tempo, dar visibilidade a produções de cinema independente, melhor dizendo, de filmes criados sem apoios institucionais ou que não participam do circuito comercial, feitos quase sempre com baixo orçamento, embora a falta de recursos não signifique a realização de filmes menores em termos estéticos.

Ao abrir as portas da sua casa para a sétima arte, a Trupe busca manter o seu compromisso de contribuir com o desenvolvimento do cenário cultural em que está inserida, praticando ações de formação de público, no caso da mostra de cinema, por meio da criação da atmosfera dos antigos cineclubes, nos quais prevalecia a reunião de pessoas interessadas em compartilhar conhecimentos sobre a sétima arte, ou simplesmente se encontrar para tomar um cafezinho conversando sobre cultura. Com isso, a mostra teve como traço distintivo uma pluralidade de vozes que se agruparam em torno da reflexão sobre a natureza do cinema independente, o processo de produção e circulação de filmes em um contexto local e o fomento à fruição e à produção do audiovisual em Uberlândia.

Essa primeira experiência se deu a partir da abertura de um espaço para fruição e reflexão para expandir a ideia da produção artística e cinematográfica como uma linguagem que não está simplesmente ali para ocupar um espaço com finalidades comerciais, pois nem tudo que se produz está na prateleira para ser contemplado. Decidimos então manter a Mostra de Cinema Casa Aberta no calendário de atividades do Ponto dos Truões. Experiências como essa tem nos mostrado a necessidade de explorar e compartilhar maneiras libertárias de pensar o teatro, a dança, o cinema, as artes visuais, a literatura. Para a Trupe fazer arte trata também da capacidade de gerar encontros de discussão, de discordâncias, de exercício do pensamento crítico, de diversão e prazer. E é pra isso que o Ponto dos Truões existe e abre suas portas.

**FAZER ARTE TRATA TAMBÉM DA CAPACIDADE DE GERAR ENCONTROS DE DISCUSSÃO, DE DISCORDÂNCIAS, DE EXERCÍCIO DO PENSAMENTO CRÍTICO, DE DIVERSÃO E PRAZER.**



TRUPE de TRUÕES



## TRUPE DE TRUÕES 15 ANOS: ENTRE ARQUIVOS E MEMÓRIAS

**Coordenação artística e técnico organizacional:** Ronan Vaz | **Coordenação geral:** Laís Batista | **Coordenação de comunicação e pesquisa:** Amanda Barbosa | **Coordenação financeira:** Amanda Aloysa e Andressa Leite | **Produção executiva:** Thiago Di Guerra, Amanda Barbosa e Ronan Vaz | **Assistente de comunicação e registro:** Luciano Pacchioni | **Apoio geral e viabilização:** Ricardo Augusto | **Assistente de produção:** Lucas Mali e Rose Martins | **Design gráfico:** Luana Oliveira

Esse projeto foi contemplado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, protocolo 0018/02/2016/FEC e pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, convênio 292/2017

## DAQUELO QUE NOS MOVE: MEMÓRIAS DA TRUPE DE TRUÕES

**Direção e roteiro:** Nara Sbrebow | **Direção de arte:** Luana Oliveira e Ronan Vaz | **Trilha sonora e tratamento de áudio:** Danilo Aguiar | **Produção executiva:** Amanda Barbosa e Ronan Vaz | **Direção de fotografia:** Alex Oliveira e Yuji Kodato | **Som direto:** Lucas Vidal | **Edição e montagem:** Thaneressa Lima | **Tratamento de cor e créditos:** Carina Aguiar | **Autoração e finalização:** Dígiteca Filmes e Multimídia | **Replicação:** Ponto 4 | **Making of:** Thaneressa Lima

Uberlândia  
2018

# *Projeto Trupe de Truões 15 anos: entre arquivos e memórias*

Apoio:



Realização:



Incentivo:



Patrocínio:



**FUNDO ESTADUAL  
DE CULTURA**  
0018/02/2016/FEC

